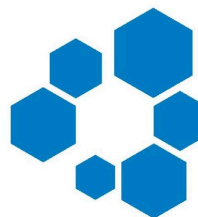


**MUSEOLOGIA**

**FCS**  
FACULDADE DE  
CIÊNCIAS SOCIAIS



**UFG**  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS

**Sinuca feminina: Mulheres na sinuca e a musealização de seus espaços**

Jaqueline da Silva Abreu

Goiânia

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Jaqueline da Silva Abreu

Título do trabalho: Sinuca feminina: Mulheres na sinuca e a musealização de seus espaços

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ x ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Julianna Carvalho De Oliveira, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 24/11/2025, às 18:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jaqueline Da Silva Abreu, Discente**, em 24/11/2025, às 18:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5806953** e o código CRC **EEABAE90**.

Jaqueline da Silva Abreu

**Sinuca feminina: Mulheres na sinuca e a musealização de seus espaços**

Monografia apresentada ao Bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Museologia.

Orientadora: Profa. Ma. Julianna Carvalho de Oliveira

Goiânia

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Abreu, Jaqueline da Silva

Sinuca feminina: Mulheres na sinuca e a musealização de seus  
espaços [manuscrito] / Jaqueline da Silva Abreu. - 2025.

LXVI, 66 f.: il.

Orientador: Prof. Julianna Carvalho de Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS),  
Museologia, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, lista de figuras.

1. Sinuca Feminina. 2. Museologia Social. 3. Memória Social. 4.  
Identidade. I. de Oliveira, Julianna Carvalho, orient. II. Título.

CDU 069.1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e um dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e cinco iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Sinuca feminina: Mulheres na sinuca e a musealização de seus espaços”, de autoria de Jaqueline da Silva Abreu, do curso de Museologia, da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Ma. Julianna Carvalho de Oliveira - orientadora (FCS/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Carlos Augusto Ribeiro Jotta (FCS/UFG) e Profa. Ma. Barbara Yanara da Silva (UNIGOIÁS). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **9**, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Augusto Ribeiro Jotta, Professor do Magistério Superior**, em 21/11/2025, às 11:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Julianna Carvalho De Oliveira, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 21/11/2025, às 11:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Barbara Yanara Da Silva, Usuário Externo**, em 21/11/2025, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5778313** e o código CRC **4E65C6DA**.

Jaqueline da Silva Abreu

**Sinuca feminina: Mulheres na sinuca e a musealização de seus espaços**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requerimento parcial ao título de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 21 de novembro de 2025

Banca Examinadora

---

Profa. Ma. Julianna Carvalho de Oliveira

Orientadora

---

Prof. Dr. Carlos Augusto Ribeiro Jotta

---

Profa. Ma. Barbara Yanara da Silva

*Para a minha família,  
amigas e professoras, que sempre estiveram comigo.*

*E assim chega ao fim.*

*O fim da partida ou o começo de uma nova era?*

*Entre o passado de uma Jaque que espiava, com seus olhinhos, uma mesa de sinuca velha,*

*No centro de um bar ainda mais velho, que era do seu velho avô.*

*Trouxe consigo, para seu presente, essa pequena memória.*

*Portanto, não seria esse o fim dessa partida.*

*Não sei se é o começo de uma nova era, mas sei que é algum começo.*

*De algo que possa ser visto como fora do comum, mas que, para alguns, é apenas comum.*

*Jogar sinuca, um cotidiano que, por meio dessas palavras, se tornou, para mim, um sinônimo.*

*Sinônimo de saberes, identidade e pertencimento.*

*Mulheres na sinuca,*

*Sinuca com mulheres,*

*Espaço de conquistas, prazeres e vivências.*

*De algo que, mesmo visto como fora do comum,*

*se tornou, portanto, o comum delas.*

*Assim, entre tantas memórias, cá estão elas,*

*Sendo também protagonista dessa.*

Jaqueline Abreu

## AGRADECIMENTOS

Chegou a hora mais aguardada, essa que deixamos para o final de uma labuta árdua que é a produção de uma monografia. Nossa, só em pensar em tantas, e tantas vezes que quis desistir disso aqui, por medo de não ser capaz, de falhar ou de não ser boa o suficiente para conseguir finalizar e chegar nessa parte, os agradecimentos. Mas se estou aqui escrevendo, é sinal que consegui chegar a algum lugar com esse tema que me deu tanto trabalho e dor de cabeça. Independente de toda dificuldade enfrentada até aqui, com essas pessoas ao meu lado, tanto de forma direta ou indireta, sempre me ajudaram a permanecer, levantar minha cabeça e seguir em frente.

Primeiramente, a minha família, mesmo eles ainda não entendendo direito o que eu estudo. E a tantas e tantas xícaras de café que foram saqueadas da garrafa, minha irmã que o diga, tadinha, ela mais do que ninguém viu a correria da sua irmã caçula, e mesmo não entendendo nada de Museologia, sinuca e quiçá Waldisa Rússio, ela me apoiava, do jeito dela, fazendo café pra mim quando eu chegava do trabalho e ia correndo pro quarto abrir o notebook pra mais um dia, dia esse que eu não fazia ideia se estava prestes a terminar.

Agradeço às minhas amigas, minha turma de Museologia 2021, cada rostinho, nome e trejeitos únicos delas que fizeram parte da minha trajetória dentro e fora da universidade. A cada conversa, conselhos, puxões de orelha e aconchego. Sem vocês eu não teria conseguido suportar tudo isso, portanto quero deixar registrado aqui, os meus sinceros, muito obrigada, a cada uma de vocês: Ana Laura, Andressa, Amanda, Bruna, Débora “miguxah”, Vanessa, Mahê, Matheus e Thaís. E um agradecimento especial para uma linda historiadora que presenciou toda a minha correria e vulnerabilidade durante todo esse percurso, muito obrigada, Eduarda, por trazer calma a esse meu pequeno e frágil coração, sou bregamente brega por você.

Quero agradecer também a todas as professoras que passaram por esse curso e que deixaram suas marcas de afeto e competência registradas em mim, professora Camila Wichers por sua dedicação e sabedoria que tanto me inspiram dentro da Museologia, professora Milena de Souza pelas aulas de feminismo e tantas outras que

me encantava e fazia meus olhinhos brilharem. A professora Bárbara Yanara, minha mestra como eu carinhosamente a chamo, esse projeto aqui havia sido idealizado por sua causa, tendo como inspiração as mulheres cervejeiras que você produziu, e mesmo que não tenhamos conseguido concluir isso aqui juntas, saiba que eu serei sempre grata à você, por cada conselho, conversas, risadas e choros que partilhamos. Agradeço também à minha orientadora, professora Julianna Carvalho, que topou entrar nessa empreitada comigo, eu sei que não deve ter sido fácil, mas queria agradecer pela confiança que teve pelo meu trabalho, por não ter desistido de mim, sem a sua ajuda eu tenho certeza de que não teria conseguido chegar até aqui, por isso meu muito obrigada, de verdade.

Chegamos assim na professora Karla Kamylla Passos, sabe aquela pessoa que você tem a sorte de esbarrar uma única vez na vida, por ocasião do acaso, e sem saber que esse acaso faria parte de uma etapa tão importante na sua vida, foi assim com a professora Kamylla. Eu sempre digo que graças à ela que eu aprendi a olhar pra Museologia com esses olhos de uma eterna apaixonada, porque ela sempre esteve aqui, desde o começo. Apesar do seu jeito casca grossa por fora, mas quando gosta, gosta mesmo, sem rodeios. Uma pessoa que me ensinou muito sobre a vida acadêmica e também simplesmente sobre a vida.

Lembro muito bem de uma frase que ela me disse, antes da sua saída como minha professora, durante a correção de uma atividade que fizemos sobre a ação prática dentro da disciplina, que foi citada nessa monografia, estava passando por uma situação muito delicada naquela época, e ela, com o seu abraço acolhedor disse pra eu me permitir viver, não me cobrar demais e apenas viver. Saiba, Kamylla, que não só essa frase, como tantas outras falas e ensinamentos que você me deu seguem vivendo comigo até hoje. Quero te agradecer por tudo, por sempre ter acreditado em mim, no potencial que você enxergava nessa Jaque, por não ter me deixado desistir em momentos difíceis em que eu só enxergava o caminho mais fácil que era o de abandonar tudo, mas não, parece que você sentia quando eu não estava bem, e sempre surgia, com uma mensagem, uma fala, uma reunião. Você sempre se fez presente, mesmo estando longe. Por isso, a você o meu muitíssimo obrigada.

E por fim, agradeço a mim. Parabéns, Jaque, agora posso respirar. Consegui!

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema, “Sinuca feminina: Mulheres na sinuca e a musealização de seus espaços”. E tem como objetivo analisar a presença e a trajetória das mulheres no universo da sinuca, um campo historicamente associado pela diferença de gênero e preconceitos, buscando assim compreender os fatores que contribuíram para sua invisibilidade social e cultural. A partir de uma abordagem museológica e social, o estudo propõe reflexões sobre como a Museologia pode atuar como instrumento de valorização dessas trajetórias, reconhecendo a sinuca feminina como patrimônio cultural e espaço de memória social. Fundamenta-se em referenciais teóricos da Museologia Social e do conceito de fato museal, compreendendo que o jogo de sinuca, enquanto prática social, também produz significados e identidades. O trabalho evidencia a importância da criação de espaços culturais e museológicos que contemplem a diversidade de gênero e promovam narrativas inclusivas, contribuindo para o reconhecimento das mulheres na sinuca e de seus espaços de atuação de fazeres e saberes culturais. Por fim, aponta que a musealização da sinuca feminina não apenas preserva memórias femininas no esporte, mas também abre caminhos para novas formas de representação e visibilidade dentro e fora do campo esportivo.

**Palavras-chave:** Sinuca Feminina; Museologia Social; Memória Social e Identidade.

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis focuses on the theme of “Women's billiards: Women in billiards and the musealization of their spaces”. The research aims to analyze the presence and trajectory of women in the world of billiards, a field historically associated with gender inequality and prejudice, seeking to understand the factors that have contributed to their social and cultural invisibility. From a museological and social perspective, the study proposes reflections on how museology can act as an instrument for valuing these trajectories, recognizing women's billiards as cultural heritage and a space of social memory. It is based on theoretical frameworks of social museology and the concept of the museal fact, understanding that the game of billiards, as a social practice, also produces meanings and identities. The work highlights the importance of creating cultural and museological spaces that contemplate gender diversity and promote inclusive narratives, contributing to the recognition of women in billiards and their spaces of action, practices, and cultural knowledge. Finally, it points out that the musealization of women's billiards not only preserves feminine memories in the sport but also opens pathways for new forms of representation and visibility within and outside the sporting field.

**Keywords:** Women's Billiards; Social Museology; Social Memory and Identity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Figura 1- A Execução de Mary Stuart  | 25 |
| Figura 2- Momento pós-execução (superior), Sepultura de Mary Stuart (inferior) | 25 |
| Figura 3 - Registros da prática do bilhar no acervo do Sesc Memórias           | 26 |
| Figura 4 - O Jornal, Rio de Janeiro  | 27 |
| Figura 5 - Jornal da Orla, São Paulo   | 29 |
| Figura 6 - Comentário Recanto das Letras                                       | 29 |
| Figura 7 - Jornal do Brasil, Rio de Janeiro                                    | 30 |
| Figura 8 - Sinuca Entre Elas   | 33 |
| Figura 9 - I Simpósio Nacional de Sinuca Feminina                              | 33 |
| Figura 10 - Guerrila Girls MASP  | 36 |
| Figura 11 - Ação Prática- Prof. Karla Kamylla, docente da disciplina           | 41 |
| Figura 12 - Ação Prática- Discentes que participaram da ação                   | 42 |
| Figura 13 - Ação Prática- Caroline Rodrigues, atleta da sinuca pela Subversiva | 42 |
| Figura 14 - Ação Prática- Discente Ana Laura que levou sua irmã para a ação    | 43 |
| Figura 15 - Silvia Tiaoli  | 53 |
| Figura 16 - Carmelita Yumito   | 54 |
| Figura 17 - Troféu Primeira Copa Feminina de Sinuca Bola 8                     | 55 |
| Figura 18 - Arquivo Pessoal - Imagem da Jaqueline no bar do seu avô            | 63 |
| Figura 19 - Arquivo Pessoal - Imagem do seu irmão caçula no bar do seu avô     | 63 |
| Figura 20 - Veral Selby  | 64 |
| Figura 21 - Frances Anderson   | 65 |
| Figura 22 - Manchete Jornal World, Kansas                                      | 66 |
| Figura 23 - Gabriela Guimarães   | 66 |
| Figura 24 - Joyce Brito  | 67 |

## **LISTA DE SIGLAS**

MASP - Museu de Arte de São Paulo

LBS - Liga Brasileira de Sinuca

BBC - British Broadcasting Corporation

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO   | 17 |
| CAPÍTULO 1. ENTRADA NO JOGO  | 23 |
| 1.1 O Jogo Começa: O contexto histórico e cultural da sinuca feminina                        | 23 |
| 1.2 Tacadas Iniciais: A Participação Feminina no Esporte                                     | 31 |
| CAPÍTULO 2. QUEBRANDO AS REGRAS  | 38 |
| 2.1 A Musealização e sua Musealidade   | 38 |
| 2.2 Musealizando a Cultura Popular: Conceitos e Relevância                                   | 45 |
| CAPÍTULO 3. GUARDIÃS DA MEMÓRIA: A Musealização dos Espaços e Narrativas Femininas na Sinuca | 48 |
| 3.1 Resgatando Protagonistas: Quem são elas?   | 48 |
| 3.1.1 Silvia Taioli  | 49 |
| 3.1.2 Carmelita Yumito   | 53 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS   | 56 |
| REFERÊNCIAS  | 59 |
| APÊNDICES  | 63 |
| ANEXOS   | 64 |
| Anexo 1 - Principais atletas da Sinuca Feminina  | 64 |

## INTRODUÇÃO

Desde 1990 que a Museologia se solidificou como um campo de estudos e práticas das Ciências Sociais (Scheiner, 2012), onde realiza pautas de conhecimento e aprendizado em busca de desenvolvimentos em prol da sociedade, por meio da igualdade e inclusão (Moutinho, 1993). Como uma Ciência Social aplicada voltada ao estudo de relações entre o indivíduo, o objeto e o museu, mais do que se ocupar apenas de técnicas de exposições ou conservação, a Museologia busca compreender o fenômeno social e cultural de um objeto musealizado, quando um objeto, espaço ou prática é transformado em testemunho da realidade, dotado de valor simbólico e de memória coletiva.

Desta forma, a sinuca, seja ela praticada por lazer desde o século XV na França, ou de forma profissional desde 1873 pelo mundo, pode fazer uma interlocução em discussões sociais dentro das instituições Museológicas, por abranger questões de preconceito e invisibilidade das mulheres nesses espaços.

Existindo então, em torno de um jogo de sinuca, justamente por ter uma visão, ou uma memória manipulada, que traz consigo enraizamentos de que a sinuca só existe em espaços frequentados por uma predominância masculina. Como por exemplo bares, bordéis e salões de sinuca, e a quebra desse paradigma traz consigo visibilidade e partilha de conhecimento através das memórias dessas grandes mulheres, que saíram da zona de espectadores para protagonistas do jogo.

Desde muito nova, sempre tive um contato direto com a sinuca. Meu avô era dono de um bar de esquina em Nova Franca, localizado no interior da Bahia. A fachada era simples, com paredes gastas pelo sol e pela chuva, pintadas de cal branca e detalhes em azul desbotado, no alto, uma placa antiga exibia o nome do bar, já meio apagado pelo tempo, mas ainda reconhecível para quem era da região.

Do lado de fora, algumas mesas e cadeiras de plástico vermelhas, que ficavam em cima da calçada, com portas duplas de madeira que abriam por dentro, havia uma em cada ponta da parede com uma janela também de madeira que vivia entreaberta ao meio delas.

Já na parte de dentro do bar, o ambiente era mais escuro e fresco, com piso de cimento queimado e ventiladores de teto que rodavam lentamente, com um balcão feito de cimento pintado de azul que vivia já descascado, em cima do balcão havia uma balança antiga que eu nunca via meu avô usando, lembro que era bem pesada e na parte de dentro do balcão era onde ficava uma prateleira de madeira com recipientes de vidro e plástico, e com uma pia branca pequena próxima, tinha também uma geladeira cinza que ele usava para gelar as cervejas e um filtro de barro ao lado.

O cheiro característico misturava fumaça de cigarro, bebida e madeira antiga, ao fundo uma mesa de sinuca de madeira maciça, coberta por um pano verde já um pouco desgastado, a luz amarelada da lâmpada destacava a mesa, como se ela fosse o verdadeiro altar do lugar, ao redor havia mesas e cadeiras vermelhas de metal e bancos de madeira.

Me recordo que, na época, antes de nos mudarmos para Goianápolis, interior de Goiás, morávamos na casa que ficava nos fundos desse bar, por conta disso, sempre dei um jeito de escapar para assistir aos jogos que aconteciam naquele pequeno espaço. Era constantemente repreendida por minha mãe e meu avô, pois, para eles, aquele não era um ambiente saudável para uma mocinha, de fato um bar não é um local para crianças no geral. Mas como eu não os escutava, acabei aprendendo a jogar sinuca algum tempo depois, aos 12 anos de idade. Desde então, devido a essa memória de infância, tenho um apreço e uma admiração muito grande por esse simples jogo.

Justamente por ter frequentado esses ambientes desde pequena, passei a observar uma certa ausência de mulheres nesses espaços, tanto em locais de lazer quanto em competições. Diante disso, principalmente na transição da adolescência para a fase adulta, quando passei a frequentar esses locais com amigas para jogar sinuca, era perceptível o olhar de julgamento vindo do universo masculino, além de piadas e falácias, o que gerava um enorme desconforto para mim e para elas.

Foi a partir dessas lembranças e dessa memória enraizada que surgiu o desejo de relacionar esse simples jogo à Museologia e ao processo de musealização de memórias. E assim que entrei nesse universo museológico e descobri a Museologia

Social, a Museologia de Gênero e suas relações com a Memória Social, tive a ideia de correlacionar esses dois extremos.

A sinuca passou, então, a ser pensada como um catalisador para questionar, juntamente com a Museologia, essas questões identitárias em um ambiente com tanta predominância masculina, sabendo que, “é através da seleção ativa de memórias e histórias, e da valorização do patrimônio, que as materializa, que os sujeitos se definem enquanto constituintes de um grupo identitário.” (Almeida, 2021, p.10). Esse processo não apenas dá visibilidade às trajetórias femininas, mas também questiona as hierarquias culturais que, por muito tempo, determinaram quais práticas e sujeitos seriam lembrados ou esquecidos.

O objetivo é contribuir, ainda que minimamente, para uma representação mais completa e precisa da diversidade humana. Considerando então as limitações históricas e a invisibilidade existente, através da Museologia seria possível criar estratégias que possam dar visibilidade às mulheres no campo da sinuca?

Trazendo para reflexão a hipótese da invisibilidade das mulheres na sinuca, assim como refletido por Mário Chagas (2002, p. 59) ele menciona o poder da memória como um campo de disputa e interesses, e como toda essa dinâmica na construção e preservação da memória detêm o controle de determinados grupos sobre a narrativa histórica social.

Mário Chagas e Myrian Sepúlveda (2002, p. 36) mencionam que “O poder é semeador e promotor de memórias e esquecimentos”, em como essas construções são moldadas e como a memória coletiva pode influenciar e limitar certas vivências e dinâmicas de poder de toda a sociedade.

Ao trazer a questão das mulheres no campo da sinuca como protagonistas, sendo profissionais ou amadoras, para a Museologia que já segue uma linha de estudos e trabalhos com a memória social, foi organizado como objetivo geral investigar, coletar e analisar o impacto da sinuca como um catalisador para o processo de musealização da memória feminina no esporte, através das jogadoras Brasileiras de Sinuca Feminina, Silvia Taioli e Carmelita Yumito. Além de três objetivos específicos que irão ajudar a alinhar com mais eficácia a pesquisa, que são: a) analisar como ocorreu o acesso das mulheres no âmbito da sinuca esportiva; b) Identificar as

questões históricas que contribuíram para a limitação de documentação e registro dessas mulheres, e como essa dificuldade influenciou na preservação de suas memórias e conquistas; c) Apresentar as atletas precursoras da Sinuca Feminina no Brasil.

Diante dos objetivos vamos explorar a perspectiva de que “Lugar de mulher é onde ela quiser”, título do livro da Lages (2016), e assim continuar a construção e reconstrução de toda essa discussão envolvendo as mulheres e seus espaços, e o entendendo como um ato político que envolverá toda a sociedade, suas memórias e seus esquecimentos.

Ao desafiar as normas de gênero e expandir os limites do que é considerado convencional, as mulheres dentro da sinuca estão reescrevendo as regras do jogo tanto dentro como fora das mesas de bilhar, sejam elas de forma profissional através de competições e torneios, ou de âmbito amador como forma de lazer e descontração em clubes e bares existentes na cidade.

Inclusive, existem graus de preconceitos diferentes envolvendo as duas formas de jogar sinuca, como por exemplo nas competições, o foco central é a de comparação entre as habilidades da jogadora e do jogador, sobre quem pode participar e ser habilidoso no jogo.

Já nos bares, salões e clubes de sinuca, o fator predominante é a masculinização dos corpos femininos e, além de casos ocorrendo a sexualização, criando-se toda uma performance por trás, desde a de se movimentar em torno da mesa de sinuca até a de se preparar para encaçar a bola, trazendo assim toda a ideia da construção social de gênero que foi criada, estabelecida e reproduzida em diferentes tempos.

Para isso, Judith Butler (2019)<sup>1</sup> nos explica que toda essa repetição da performance de gênero pode ser considerada como uma ação proposital da sociedade,

---

<sup>1</sup> Judith Butler, estuda a relação de construção e reconstrução social de gênero e como a repetição de suas performances ao longo de diferentes tempos vem moldando a sociedade que conhecemos hoje. E ao trazer essa reflexão para discussão, irá ajudar a entender como essas atitudes podem ter influenciado na visibilidade das mulheres no campo da sinuca, sabendo que esse ambiente está envolvido por uma predominância masculinizada dos corpos e dominada por eles desde o seu surgimento. Podendo ser considerada como uma ação proposital de poder social de gênero existente na sociedade.

perpetuando a continuidade de pensamentos e significados, se tornando um ciclo sem fim.

O sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto oculta quanto impõe suas regras. (Butler, 2019, p. 250).

Contudo, a quebra desse estereótipo em volta do simples jogo de sinuca é um caminho que está se desconstruindo aos poucos, apesar de ainda conter uma grotesca porcentagem de homens nesses espaços, as mulheres também estão passando a enxergar esse movimento como uma forma de luta e inclusão.

É o que iremos abordar nesta pesquisa de conclusão de curso, ao investigar as narrativas e experiências das mulheres que escolhem a sinuca como sua paixão, seu refúgio e sua profissão, examinaremos como elas navegam em um ambiente predominantemente masculino e como essa dinâmica influencia suas relações sociais, profissionais e emocionais.

No primeiro capítulo faremos uma viagem no tempo para o passado histórico da sinuca feminina e todo o seu contexto social até chegarmos ao capítulo dois, que dará início ao debate teórico sobre a possibilidade de utilizar os museus como espaço de legitimação das performances dessas mulheres que escolheram a sinuca como seu alicerce de vida, trazendo consigo a importância que teria ao musealizar essas memórias ricas em aprendizado, representatividade e inclusão social.

Chegando assim ao terceiro e último capítulo, que se encerrará com a apresentação das principais jogadoras de sinuca, dando ênfase a duas das maiores jogadoras brasileiras, explorando suas trajetórias, conquistas e memórias que as fizeram ser quem são hoje, pioneiras na Sinuca Feminina do Brasil.

Deste modo, dentre todas essas reflexões trazidas até aqui, o olhar dessa Jaqueline, entre os seus meros 5 a 6 aninhos de idade, que vivia encantada com aquela mesa de sinuca velha do seu avô, não fazia ideia que algum dia, no futuro, ela iria adentrar em um curso, até então desconhecido, e traria a sinuca como seu objeto de estudo. A Museologia tem muito disso, o fato de nos emocionar com a sua simplicidade e nos encantar com a sua riqueza de detalhes.

E é nesse lugar que me encontro agora, entre o passado que me formou e o presente que me desafia, compreendendo que cada lembrança, cada encontro com a

mesa de sinuca, e cada passo dado neste percurso acadêmico, contribuiu para que esta trajetória fosse construída.

Percebo que, mais do que estudar um objeto ou registrar uma prática, este trabalho me permitiu reconhecer a importância de dar visibilidade, de valorizar memórias, de transformar o que poderia parecer trivial em matéria de reflexão e conhecimento. E, talvez, seja exatamente essa a beleza da Museologia, nos ensinar que os detalhes mais singelos carregam histórias poderosas, capazes de tocar não apenas quem as viveu, mas também quem se dispõe a olhar e a ouvir.

Por fim, encerro este pensamento com a certeza de que, mesmo em meio a desafios, o caminho trilhado trouxe aprendizado, emoção e a convicção de que cada pequena memória pode, sim, se tornar grande quando compartilhada, vivenciada e lembrada, afinal, o simples ato de não esquecer, carrega consigo a vontade de pertencer.

## CAPÍTULO 1. ENTRADA NO JOGO

Nos aprofundaremos agora, no início de um passado um pouco mórbido, mas necessário para a compreensão de onde e como surgiu as primeiras memórias femininas ao redor de uma mesa de sinuca. Trazendo contextos históricos e significativos que ajudará na reflexão e compreensão de que as mulheres estiveram envolvidas nesse meio desde o início de seu surgimento, tendo as suas conquistas e reconhecimentos “esquecidas pelo tempo”.

### 1.1 O Jogo Começa: O contexto histórico e cultural da sinuca feminina

O termo sinuca vem de um abasileiramento do nome *snooker*, nome genérico atribuído popularmente para bilhar, que engloba diversas modalidades existentes dentro do jogo. Wagner José<sup>2</sup> informa que é chamado de bilhar o conjunto de todos os jogos de mesa que utilizam bolas e tacos.

Indica-se que o jogo tenha surgido em 1480, “a gravuras que mostram o jogo *croquet*, com martelos ou massas impulsionando bolas contra arcos sobre um campo gramado, que é considerado por muitos como a origem do jogo de bilhar” (Santos, 2013, p. 44). A origem exata não está registrada, a mais aceita academicamente é que ele passou de uma evolução do jogo de *croquet*, jogo inventado na Irlanda, sendo um derivado do golfe bem famoso no século XV no norte da Europa.

De antemão, como o termo “sinuca” é a forma mais utilizada no Brasil para se referir ao jogo de bilhar, ela estará sendo utilizada bastante ao longo da escrita, com o intuito de trazer uma melhor familiaridade, já que iremos mencionar muito sobre o assunto durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

No século seguinte, quando a sinuca ganhou popularidade, chegando no Reino Unido, segundo informações postadas no *blog hb home furnishings*<sup>3</sup>, o *blog* brasileiro

---

<sup>2</sup> Licenciado em Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco em 2003. Mestre em Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco em 2013, no mesmo ano concluiu sua dissertação de mestrado intitulada: Explorando o Bilhar Elíptico com ferramentas computacionais: Uma proposta de ensino. Que conta um pouco sobre o surgimento da sinuca.

<sup>3</sup> HB Home. “A história completa do Bilhar e da Sinuca”. hb home furnishings, 09 de março de 2021. Disponível em: <https://www.hbhomefurnishings.com/post/history-of-billiards> . Acesso em 06 de set. de 2024.

Esporte *Press Brasil*<sup>4</sup> e o *Billiard Congress Of American*<sup>5</sup>, relatam que naquela época o jogo acabou despertando o interesse da monarca escocesa Mary Stuart.

De acordo com a publicação, a rainha era tão apaixonada pelo jogo que ao ser decapitada por ordem da rainha inglesa Elizabeth I, o pano que era utilizado como forro da sua mesa de sinuca acabou sendo usado como sua mortalha. Há registro de uma pintura feita à época, simulando o dia de sua execução, que mostra esse famoso pano, além de uma representação cultural sobre essa história no episódio da série *Lovejoy* (“*The Color of Mary*”)<sup>6</sup>, que retrata alguns personagens à procura da mesa de sinuca de Mary Stuart.

O contexto histórico e cinematográfico, apresenta mulheres envolvidas na história da sinuca, contudo envolvidas nas teias de esquecimentos devido a estruturas sociais. Embora histórica e significativa, tem sido sistematicamente esquecida nos registros oficiais e meios de comunicação, resultando em toda sua falta de informação. Esse esquecimento não é acidental, mas parte de um processo social e simbólico que privilegia narrativas masculinas no esporte, apagando assim as contribuições femininas.

---

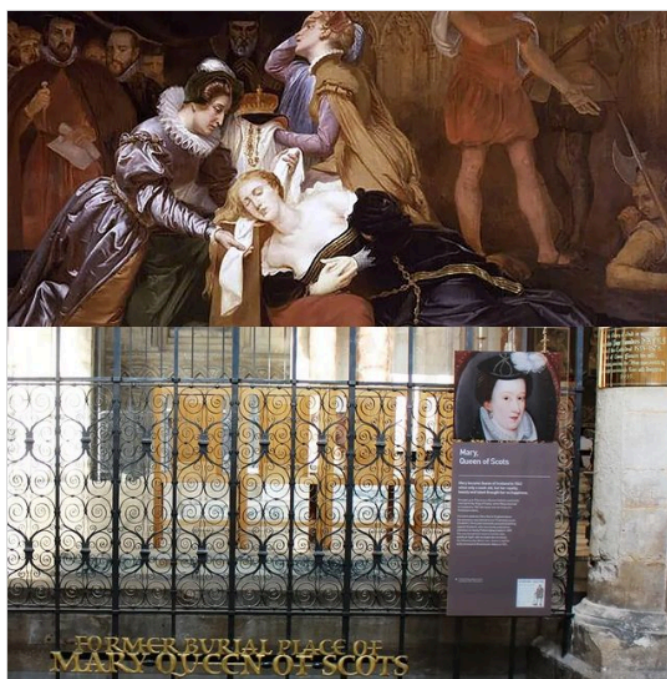
<sup>4</sup> Reis, Mário. “Evolução da Sinuca: entenda como o lazer se tornou um esporte profissional” *Esporte Press Brasil*, 30 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.esportepressbrasil.com.br/noticia/1920/evolucao-da-sinuca-entenda-como-o-lazer-se-tornou-um-esporte-profissional/>. Acesso em 05 de set. de 2024.

<sup>5</sup> *Billiard Congress Of American* é o Órgão regulador Norte-Americano De Sinuca e Bilhar. “Uma Breve História do Nobre Jogo de Bilhar por Mike Shamos”. Disponível em: <https://bca-pool.com/page/39>. Acesso em 22 de jan. de 2025.

<sup>6</sup> A série *Lovejoy*, está disponível para assistir em streaming no Prime Video. O episódio, “*The Color of Mary*”, faz parte da 4ª temporada da série, e foi transmitido pela primeira vez em 30 de janeiro de 1993.



**Figura 1:** A Execução de Mary Stuart, no castelo de Fotheringahey, em 1587 (por autor desconhecido).  
 Fonte: <https://rainhastragicas.com/wp-content/uploads/2012/10/maria-stuart-execution.jpg>. Acesso em 18 de maio de 2025.



**Figura 2:** Imagem do momento pós-execução (superior), Sepultura de Mary Stuart (inferior).  
 Fonte: [https://www.instagram.com/p/CgKuBI\\_vACG/](https://www.instagram.com/p/CgKuBI_vACG/) . Acesso em 18 de maio de 2025.

No início do século XX, a sinuca era considerada uma atividade recreativa masculina em muitos países, associada a locais de lazer como clubes e bares, onde a

presença feminina era pouco comum ou mesmo mal vista. A participação das mulheres nesses ambientes era limitada por questões sociais, culturais e até mesmo legais em alguns lugares, que viam o esporte como “impróprio” para elas.

Assim, algumas mulheres já começavam a praticar a sinuca de forma discreta, geralmente em ambientes privados, como em clubes femininos ou na companhia de familiares, como mostra na imagem no acervo sesc memórias de 1984. Essas primeiras jogadoras enfrentavam preconceitos tanto por estarem em um esporte considerado masculino quanto por frequentarem espaços tradicionalmente reservados a homens.



**Figura 3:** Registros da prática do bilhar no acervo do Sesc Memórias, registro datado de 1984. Fonte: <https://www.instagram.com/sescmemorias/p/DCXF1OgP4E7/>. Acesso em 18 de maio de 2025.



**Figura 4:** O Jornal, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1971, Edição 15413. Fonte: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_06&pesq=%22sinuca%20feminina%22&pasta=ano%201971&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=99512](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22sinuca%20feminina%22&pasta=ano%201971&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=99512). Acesso em 20 de maio de 2025.

Entre 1960 e 1970, as mulheres começaram a ganhar mais espaço na sinuca, tendo reportagens registradas em jornais locais da época, como na edição de 1971 de O Jornal, no Rio de Janeiro, e principalmente na Europa e nos Estados Unidos, onde algumas jogadoras começaram a se destacar no cenário competitivo. Nomes como Vera Selby, uma das primeiras campeãs britânicas de sinuca, trouxeram visibilidade para o esporte feminino, sendo pioneira no campo.

Nesse período, as jogadoras enfrentavam não apenas a falta de patrocínio e apoio institucional, mas também o preconceito, com restrições para competir em torneios masculinos e o tratamento desigual pela mídia:

Em uma época em que muitos clubes de *snooker* proibiam as competições femininas, Vera começou a atuar em um mundo masculino, com sua vontade de vencer e determinação para inspirar mudanças a acompanhando enquanto aperfeiçoava seu jogo, muitas vezes por horas à noite, depois de dar aulas o dia todo”, conforme relata Gemma Brown, assessora de mídia da Universidade de Northumbria, em Londres.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> A exposição denominada como: “Vera Selby, MBE (1930-2023): A Champion's Life: Pioneering Sportswoman, Equality Campaigner, Art Educator and Textile Artist.” Lançado no dia 18 de abril de 2024. Disponível em: <https://newsroom.northumbria.ac.uk/pressreleases/new-exhibition-honours-the-life-of-a-north-east-icon-3317500>. Acesso em 14 de mai de 2025.

Vera também atuou como professora de artes, e após sua morte, a Universidade realizou uma exposição em homenagem à vida e carreira da atleta. Com o processo da exposição, uma das etapas mais visíveis e significativas da prática museológica, é capaz de envolver e desenvolver a interpretação, organização e apresentação de objetos com o objetivo de comunicar ideias, narrativas e valores perante a sociedade e seus tempos.

Este processo de musealização da memória dos objetos que estiveram durante todo o percurso de vida e carreira de Vera, mostra como o ato de reconhecer e comunicar essas vivências e experiências, é, em si, um processo museológico que dá significado e visibilidade à memória dessa atleta.

Essa atitude que a Universidade teve em montar uma exposição para homenageá-la, uma mulher que por meio do esporte ajudou a ressignificar seu espaço, teve um valor de representatividade muito grande para toda uma geração, tanto as que já à conhecem, quanto para aqueles que poderão conhecê-las em algum momento.

A partir dos anos 1980, a popularidade da sinuca cresceu globalmente, com campeonatos televisivos e torneios internacionais, ganhando mais visibilidade. Nesse período, a presença de mulheres nos torneios ainda era tímida, mas algumas competições femininas começaram a ser organizadas.

As jogadoras passaram a ter mais espaço para competir, embora ainda houvesse grande disparidade em termos de premiação e atenção midiática, conforme fica evidente nas primeiras transmissões televisionadas do torneio de sinuca pela rede Bandeirante que se iniciou em 1984, denominada “Show do Esporte”<sup>8</sup>, um programa popular à época que ficou ao ar por oito anos e mostrava partidas de sinuca disputadas entre diversos jogadores que estavam em destaque na modalidade, sendo bastante perceptível a presença masculina, tanto dos próprios participantes quanto do público em geral.

---

<sup>8</sup> Partida transmitida pela Rede Bandeirante de Televisão em 1985, torneio de sinuca disputado entre Rui Chapéu vs Steve Davis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IREhP3byobU&t=118s>. Acesso em 10 de mai de 2025.



**Figura 5:** Jornal da Orla. São Paulo, 15 de setembro de 1991, Edição 00918. Fonte: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890030&pesq=%22mulher%20na%20sinuca%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=16494>. Acesso em 20 de maio de 2025.



**Figura 6:** Comentários como esse nestes ambientes eram comuns, datado e publicado em maio de 2012 em um blog de textos chamado “Recanto das Letras”.  
Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/humor/3681542>. Acesso em 26 de maio de 2025.

No Brasil, a sinuca costumava ser um esporte popular, mas com pouca visibilidade para as mulheres, nomes como Silvia Taioli e Carmelita Yumito se destacaram no cenário como pioneiras na categoria de sinuca feminina no país, abrindo portas para

futuras gerações. Ficando reconhecida, especialmente através de campeonatos regionais e de esforços por parte de associações e das jogadoras de forma independente, visando promover o esporte entre elas.

Embora o caminho ainda seja longo, especialmente em termos de igualdade de premiações e visibilidade na mídia, o aumento de competições femininas e a presença de mulheres em torneios mistos são sinais de um aumento da participação feminina nesse campo.



**Figura 7:** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 09 de outubro de 2005, Edição 00184. Fonte: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_12&Pesq=%22sinuca%20feminina%22&pagfis=158176](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&Pesq=%22sinuca%20feminina%22&pagfis=158176). Acesso em 20 de maio de 2025.

A sinuca começou a ganhar uma maior popularidade no Brasil, em meados de 1958, como apontado por Mário Reis em 03 de agosto de 2023, jornalista da Esporte Press Brasil, onde ele informa que ocorreu em São Paulo o primeiro Torneio Profissional no Interclube Paulista, considerado o torneio mais antigo do país. Pouco tempo depois, em 1973 é fundada a Federação de Sinuca e Bilhar do Estado do Rio de Janeiro, pioneira na organização do esporte no Brasil.

Em 1978, no Rio de Janeiro, foi realizado o I Campeonato Brasileiro de Sinuca, que ocorreu no Palácio São Cristóvão. Já em 1979 é fundada a Federação Paulista de Sinuca, e no mesmo ano é realizado o II Campeonato Brasileiro de Sinuca, em Brasília.

Já em 1980 criou-se a Federação de Sinuca do Distrito Federal e em 1986 as três federações existentes criaram a Confederação Brasileira de Bilhar e Sinuca-CBBS, em Brasília.

Dois anos depois, em 1988 a sinuca é reconhecida oficialmente como esporte no Brasil, tendo o decreto assinado por Manoel Tubino, que na época era o presidente do Conselho Nacional de Desportos. Em 2023, em Aracajú, no espaço do Shopping Jardins, ocorreu o II Aberto de Sinuca, que reuniu diversos atletas do Brasil, já em abril de 2024, a Juventus promoveu o Torneio Aberto de Sinuca em comemoração ao centenário do Clube Paulista.

Já aqui em Goiás, o Sesc Goiás de Anápolis promoveu, em 2021, o Festival de Sinuca, e o Salão do Jôquei Clube de Anápolis, foi sede da 6ª edição do Campeonato Nacional de Sinuca em 2024.

## **1.2 Tacadas Iniciais: A Participação Feminina no Esporte**

Assim como mencionado por Silvana Goellner, ao refletir sobre a participação das mulheres no esporte, “o espaço é generificado (marcado pela diferença de gênero) e generificador (onde produz a diferença de gênero)” (Goellner, 2009, p.33). Desse modo, além de produzir essa diferença, o espaço também o reproduz, dando assim continuidade à cultura do machismo e o seu preconceito enraizado.

Como de natureza frágil, era recorrente nesse tempo a percepção de que a elas o esporte correspondia mais à assistência do que à prática e, quando esta acontecia, era recomendada que tivesse baixo grau de competitividade. (Goellner, 2009, p. 101).

A autora discute que as mulheres poderiam adentrar no universo esportivo desde que não afetasse seus deveres enquanto pessoa do sexo feminino, uma vez que:

A representação construída dessa “nova mulher”, trazia poucas possibilidades de construção de um efetivo projeto de emancipação, na medida em que suas conquistas deveriam estar ajustadas aos seus deveres. Precisava ousar sem esquecer-se de preservar suas virtudes, suas características gráceis e femininas, nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados como integrantes de sua “natureza” (Goellner, 2009, p. 102).

A superficialidade dessa emancipação proposta para a “nova mulher”, em como são limitadas essas mudanças e que continua sendo cuidadosamente manipulada por toda uma expectativa tradicional do preconceito de gênero, conforme refletido por Katia Rubio (2021, p.15), “na língua portuguesa o substantivo atleta não declina gênero. Isso pode levar a uma falsa suposição de equidade”. A historiadora Joan Scott afirma que “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 5), podendo ser entendida também como um reflexo dos desafios enfrentados por mulheres que buscam uma sociedade mais igualitária e diversificada.

A influência deixada pela Silvia Taioli e a Carmelita Yumito, as principais jogadoras profissionais de sinuca no Brasil, são referências marcantes para essas mulheres, tanto as que já atuam nesse campo, quanto para as futuras gerações. Mas ainda assim sendo levadas para os mesmos questionamentos, uma vez que:

Assim a problemática da falta de visibilidade das atletas levanta reflexões, pois se as mulheres hoje possuem mais interesse pelos esportes, praticam e são campeãs em diversas modalidades, porque a mídia, em especial a televisão e os jornais não retratam essas mudanças? Por que o jornalismo esportivo ainda insiste em destacar a aparência física das atletas em detrimento de suas conquistas? Porque as atletas campeãs não são reconhecidas? (Bueno; Cafeo; Marques, 2016, p. 13)

Levando em consideração os processos de produção e reprodução de Bourdieu (1989), onde explora como os símbolos e os processos culturais servem para contribuir e legitimar a relação de poder de certos grupos através das práticas simbólicas de produção e reprodução, as vitórias e marcas de conquistas das mulheres no âmbito esportivo, continuam esquecidas e silenciadas na sociedade.

Apesar dos grandes avanços das mulheres no decorrer dos anos, ainda não tivemos de fato uma ruptura na sua representação social e cultural perante a sociedade. De acordo com Elaine Romero (2004), as mídias e suas performances reforçam esses mitos no campo esportivo em relação ao privilégio do homem em comparação com a figura da mulher nesses espaços, sendo capaz de destruir toda uma representação social que seria divulgada ao mostrar o sucesso dessas atletas. Como por exemplo, o grupo Entre Elas, uma organização de jogadoras de sinuca, que foca em manifestações de divulgação de competições de torneios entre mulheres, trabalham com esse incentivo de parceria em prol da participação feminina em campeonatos de

sinuca no Brasil, e em 2021 ocorreu o I Simpósio Nacional de Sinuca Feminina, organizado em Criciúma (SC). Ações como essas ajudam não somente em dar visibilidade para essas mulheres em campo, mas também atuam como agentes precursores para incentivos de patrocinadores.



**Figura 8:** Imagem de mulheres com camisetas incentivando o jogo de sinuca entre elas, usada no Campeonato Brasileiro de Sinuca 2021 em Criciúma (SC).

Fonte: [https://www.instagram.com/p/CTkp8LIFQHv/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CTkp8LIFQHv/?img_index=1). Acesso em 26 de maio de 2025.



**Figura 9:** Cartaz de divulgação do I Simpósio Nacional Sinuca Feminina, organizado pelo grupo “Entre Elas” em 2021, na cidade de Criciúma (SC). Fonte:

[https://www.instagram.com/p/CTXWsAWF0ot/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CTXWsAWF0ot/?img_index=1). Acesso em 24 de maio de 2025.

E não somente no meio das mídias televisionadas e jornalísticas, mas também dentro de representações culturais e educacionais, das quais se incluem a Museologia, atuando na preservação de memórias e na valorização de identidades, culturas e histórias, sendo fundamental na visibilização de trajetórias femininas na sinuca e na musealização de espaços que resgatam essas narrativas silenciadas.

Nesse sentido, como aponta Scheiner (2012), a Museologia deve ser compreendida como uma prática social comprometida com a construção de sentidos e com o reconhecimento de memórias plurais, especialmente aquelas historicamente esquecidas, como é o caso das mulheres no universo da sinuca. Cabe citar como exemplo as autoras Ana De Oliveira e Marijara Queiroz (2017), que questionam em seu artigo envolvendo reflexões sobre a Museologia e Gênero no Brasil:

Uma das questões que surgem é tentar entender porque a museologia, uma área na qual a presença e o protagonismo das mulheres são tão evidentes, deixou de problematizar durante décadas a atuação e a presença das mulheres, ou seja, porque nos silenciemos e não refletimos em nossas produções teóricas e práticas, tanto na academia quanto nos museus, sobre a condição feminina como fator fundamental para a elaboração de conhecimento? (Oliveira; Queiroz, 2017, p. 70)

Uma Museologia crítica, aliada a memória social, torna-se um campo potente para promover a visibilidade e a valorização dessas trajetórias. Como afirmam as autoras, é preciso então que a Museologia deixe de ser cúmplice do silêncio e se comprometa com uma prática reflexiva, inclusiva e transformadora.

A visibilização das mulheres na sinuca, por exemplo, poderia ser um caminho de resgate dessas memórias negligenciadas, que ajudaria a construir uma nova narrativa coletiva, uma que reconheça a presença, a resistência e a importância dessas mulheres na cultura esportiva brasileira.

Esse silenciamento, que atravessa diferentes instâncias sociais e culturais, reforça o que Bourdieu (1989) define como violência simbólica<sup>9</sup>, um tipo de dominação que opera de maneira invisível, sendo naturalizada pelas próprias estruturas sociais.

Quando os espaços de memória, como os museus, deixam de registrar as trajetórias femininas no esporte, eles não apenas refletem as desigualdades presentes na sociedade, como também as perpetuam, deixando de exercer sua função social como um espaço de preservação, educação, reflexão e inclusão, que contribui para a formação cultural e cidadã de uma sociedade. A ausência dessas narrativas implica uma perda histórica e simbólica, impedindo que novas gerações tenham acesso a referências femininas que rompam com os estereótipos já antes estabelecidos.

Nesse contexto, se insere a discussão sobre a visibilidade e a invisibilidade da participação feminina no esporte. Apesar de inúmeros avanços conquistados ao longo das décadas, as mulheres ainda enfrentam barreiras significativas para alcançar reconhecimento e espaço igualitário nos mais diversos campos esportivos.

Essas barreiras se manifestam não apenas na ausência de cobertura midiática ou investimento institucional, mas também em práticas cotidianas que desvalorizam suas atuações, dificultam o acesso a patrocínios e invisibilizam suas histórias dentro das narrativas oficiais do esporte.

No caso da sinuca, a invisibilidade da mulher é ainda acentuada, dado que se trata de uma modalidade historicamente marcada por uma representação masculina, associada a espaços considerados "masculinizados". A presença feminina nesses ambientes frequentemente é vista como exceção ou mesmo como transgressão<sup>10</sup>, o que contribui para o silenciamento de suas trajetórias e conquistas.

---

<sup>9</sup> Segundo Pierre Bourdieu, "violência simbólica é uma forma de dominação invisível que se exerce com o consentimento dos dominados, por meio de práticas e representações sociais que naturalizam desigualdades e hierarquias". Trata-se de uma coerção que atua através da linguagem, das normas e dos valores culturais, fazendo com que os excluídos aceitem sua posição como algo legítimo e natural. Esse mecanismo é especialmente poderoso porque opera de maneira sutil, muitas vezes imperceptível, reforçando o mecanismo do poder simbólico nas mãos dos grupos dominantes.

<sup>10</sup> A presença feminina em ambientes tradicionalmente masculinos da sinuca pode ser interpretada como um ato de transgressão das normas sociais e de gênero, desafiando os papéis historicamente atribuídos às mulheres no esporte e nos espaços de lazer, afirmando novas possibilidades de representação no universo da sinuca.

Historicamente, as mulheres aparecem nos museus como temas, e não como sujeitos. Ou seja, são representadas, muitas vezes nuas, idealizadas ou erotizadas, mas raramente reconhecidas como autoras, criadoras ou curadoras. Como foi provocado por uma exposição que ocorreu no MASP (Museu de Arte de São Paulo) em 2017, pelas artistas do Guerrilla Girls, um grupo de ativistas feministas que usaram o espaço para promover essa discussão, expor e criticar os preconceitos étnicos, de gênero e políticos existentes com tamanha relevância nesses espaços culturais.



**Figura 10:** Autoras: Guerrilla Girls, "As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?". Fonte: <https://masp.org.br/busca?search=guerrilla>. Acesso em 10 de outubro de 2025.

Mesmo atletas que alcançaram reconhecimento nacional ou internacional, raramente têm suas histórias registradas ou celebradas pelas mídias e por instituições culturais. Essa marginalização se estende a outras modalidades esportivas onde a participação feminina é significativa, mas não tanto quanto comparada às práticas masculinas, como no futebol, no boxe ou no skate, que demonstra um certo padrão estrutural que privilegia as representações masculinas.

Refletir sobre a participação feminina no esporte, independente da sua modalidade, exige mais do que reconhecer a presença das mulheres nesses espaços, sendo necessário também problematizar os mecanismos sociais, culturais e simbólicos que definem quem pode ser visto, ouvido e lembrado. Isso implica também uma revisão crítica das práticas museológicas e midiáticas, que devem assumir o compromisso de romper com a lógica da exclusão e construir narrativas mais diversas e plurais.

A representação museológica diz respeito à forma como o museu constrói narrativas e atribui sentidos aos objetos, sujeitos e práticas culturais que decide expor. Ou seja, é o modo como o museu mostra o mundo e o traduz simbolicamente por meio das escolhas curatoriais, dos textos de exposição, da organização espacial e do discurso institucional.

Segundo André Desvallées e François Mairesse (2010), o museu não é apenas um espaço neutro de conservação, mas um lugar de mediação e interpretação, onde a realidade é reconfigurada por meio de processos simbólicos. A representação museológica, portanto, nunca é imparcial, ela sempre reflete valores, ideologias e contextos sociais.

## CAPÍTULO 2. QUEBRANDO AS REGRAS

Dando continuidade a reflexão, para entender o papel da sinuca feminina dentro de uma perspectiva museológica, é importante conhecer dois conceitos fundamentais, a musealização, que se refere ao processo de salvaguardar algo comum do cotidiano, em algo com valor cultural. E a musealidade, que está ligada ao sentido simbólico e social que faz com que esse algo mereça ser lembrado, estudado e compartilhado. No contexto da sinuca feminina, pensar nesses conceitos ajuda a reconhecer como as memórias, espaços e experiências das jogadoras podem ganhar lugar nas narrativas museais, tornando visível e salvaguardada essa parte da cultura popular.

### 2.1 A Musealização e sua Musealidade

Ao trazer essa pesquisa para debate, poderia então ser possível utilizar os museus como espaço de legitimação dessas performances? A musealização da sinuca feminina pode se basear na ideia de que tornar visível é também tornar possível a memória, ou seja, musealizar é reconhecer que aquilo tem valor histórico, cultural e simbólico. Sendo possível utilizar então o processo de musealização e musealidade das memórias existentes. Uma vez que:

A musealização corresponde à retirada de um objeto do uso e/ou da funcionalidade do meio natural e cultural. A musealidade versa sobre as qualidades e os valores que transformam esse objeto realocado na instituição museal. Ambas estão entrelaçadas com a sensação, a percepção e a representação. (Santana, 2024, p. 2)

Ambos os conceitos são fundamentais para entender a função e a importância dos museus na preservação e valorização do patrimônio cultural por meio da composição da cadeia operatória museológica, como explica Cristina Bruno (2021), que seria a dinâmica da coleta de dados que compõem a sua documentação e pesquisa, a conservação dos acervos e a sua comunicação com o público. Ao modo que:

Nesse sentido, a musealização parte da contextualização de um bem cultural dentro e fora do museu, podendo, desse modo, ser definida como um encontro de novos significados para um objeto ou uma obra de arte, tornando possível a interação com os públicos, e permitindo a busca de novas formas de comunicação e modos de preservar um bem cultural. (Da Silva; Santos, 2024, p. 187)

E a partir do momento que passamos a considerar os aspectos sociais das mulheres na sinuca no meio museológico, podemos associar seus movimentos históricos e culturais às mudanças nas percepções sociais e representações relacionadas às mulheres no meio esportivo como um todo.

A musealização nesse contexto poderia envolver a coleta de objetos, histórias orais, fotografias, vídeos, troféus, roupas, tacos e outros itens relacionados às mulheres que se destacaram na sinuca, garantindo a preservação da memória dessas jogadoras que ajudaram a moldar o cenário da sinuca feminina.

Enquanto a musealidade traz a percepção do papel fundamental das mulheres na história da sinuca, mudando a representação social desse esporte como dominado por homens e destacando a forma como o simples jogo de sinuca pode contribuir para a diversidade social, inspirando futuras gerações de jogadoras a saberem que elas também podem ter um lugar de destaque no mundo da sinuca esportiva, como refletido por Bruno Brulon (2018),

musealizar é mudar algo de lugar; às vezes no sentido físico, mas sempre no sentido simbólico, afirmando que, a comunicação museológica é o processo por meio do qual uma coleção ganha sentido, tornando-a acessível e transmitindo o seu valor científico, cultural e educativo para um público. (Brulon, 2018. p.190-196).

Essa reflexão do autor, permite compreender que o ato de musealizar ultrapassa o campo da preservação material e alcança a dimensão simbólica, em que elementos da vida cotidiana são ressignificados e ganham novos sentidos e percepções dentro do discurso museológico.

Nesse contexto, pensar a sinuca, e especialmente a presença feminina nesse universo, como objeto de musealização, implica reconhecer que há uma mudança simbólica em curso, o deslocamento de um jogo popular e historicamente marginalizado para um espaço de memória e valorização cultural.

Dentro desse panorama de invisibilização, a musealização da sinuca feminina surge como uma ferramenta estratégica e política para o reconhecimento da presença e das contribuições das mulheres nesse campo esportivo. A memória sendo seletiva ela reforça sua relação de poder (Chagas, 2002), criando uma espécie de campo minado

de disputas, e diante disso ela pode manipular o presente, reavaliar o passado e conseqüentemente guiará o futuro.

Musealizar a trajetória de atletas da sinuca não é apenas preservar objetos, imagens ou documentos, é inscrever suas histórias no patrimônio simbólico da sociedade, rompendo com o ciclo de silenciamento que por décadas apagou suas vozes. Rubio situa que:

Para além do entendimento de um papel de destaque superficial, o protagonismo dessas mulheres passa a ser interpretado como um ato político, presente na dimensão social, definida ao se caracterizar como algo novo, que inaugura outro tempo. (Rubio; Veloso, 2019, p. 52)

A interpretação desse protagonismo sugere uma redefinição dos papéis de gênero, como afirma Rubio, questionando assim as possíveis estruturas históricas que as colocaram em posições secundárias dentro da sociedade. Ao dar visibilidade a essas narrativas através de exposições, acervos digitais, entrevistas e outras formas de registro, cria-se a oportunidade de reconstruir um imaginário coletivo onde a mulher é reconhecida como parte integrante e ativa da história da sinuca. Além disso, tal iniciativa contribui para ampliar o entendimento do esporte como fenômeno cultural, atravessado por questões de gênero, classe e identidade. A Museologia assume então um papel político de enfrentamento às desigualdades, a ausência quase total de referências femininas em museus do esporte, ou em coleções ligadas à sinuca, reforça a urgência de ações que proponham novas formas de olhar para esse campo. O desafio não é apenas técnico, mas ético, afinal quem tem o direito de ser lembrado?

Como exemplo prático realizado no âmbito do curso de Museologia, na disciplina do 5º período intitulada Museologia III, utilizei o famoso salão de sinuca Gellim, existente em Goiânia desde 1997 e localizado no setor Jardim América. O local conta com um amplo espaço, onde estão dispostas 21 mesas de sinuca para uso recreativo.

O piso cerâmico, iluminação sobre as mesas e um balcão de bar são características constantes do espaço. Descrito pelos frequentadores como “bar simples e descontraído”, voltado para encontros entre amigos, e partidas de sinuca mais informais. Há postagens em redes sociais que tratam o Gellim como um local com memória afetiva para goianienses, relatando que “todo mundo já teve uma história lá”,

isso o enquadra também como espaço de sociabilidade popular, com valor de memória coletiva.

Na data do dia 04 de fevereiro de 2023, convidei minhas colegas e algumas participantes externas a ocuparem esse espaço, proporcionando a experiência de jogar sinuca entre si e observarem como se sentiam ao frequentar esse ambiente. Além disso, convidei Carolina Rodrigues, campeã da modalidade sinuca feminina pela Atlético Subversiva da Universidade Federal de Goiás, para compartilhar sua trajetória conosco. Ela nos relatou como surgiu seu interesse pelo jogo, suas memórias e vivências enquanto frequentadora ativa desses espaços.

A ação nos permitiu trazer à tona e debater, dentro do próprio salão, a questão da presença feminina na sinuca, ressignificando, assim, esse pequeno espaço.



**Figura 11:** Imagens da prof. Karla Kamylla, docente da disciplina, acompanhada da sua irmã e sua mãe que participaram da ação prática proposta pela discente Jaqueline Abreu. Arquivo Pessoal. (Foto por: Débora Ramos, 04 de fevereiro de 2023).



**Figura 12:** Imagens das discentes participando da ação prática proposta pela discente Jaqueline Abreu.  
Arquivo Pessoal. (Foto por: Débora Ramos, 04 de fevereiro de 2023).



**Figura 13:** Imagens da Caroline Rodrigues, atleta da subversiva na ação prática proposta pela discente Jaqueline Abreu.  
Arquivo Pessoal. (Foto por: Débora Ramos, 04 de fevereiro de 2023).



**Figura 14:** Imagens da discente Ana Laura com sua irmã que participou da ação prática proposta pela discente Jaqueline Abreu.  
Arquivo Pessoal. (Foto por: Débora Ramos, 04 de fevereiro de 2023).

Essa experiência prática demonstra que, no campo da Museologia, o conceito de fato museal, como define Waldisa Rússio (1981), refere-se à relação significativa estabelecida entre o objeto e o sujeito mediada por um contexto sociocultural e histórico, conforme refletido por Manuelina Cândido (2010, p.146), "faz sua aproximação a partir de uma compreensão da Museologia como campo dos estudos da sociedade e não dos objetos ou das instituições". Trata-se de um fenômeno que ultrapassa o valor material do objeto, pois envolve a dimensão simbólica que ele adquire ao longo do tempo, o objeto como sendo testemunha e testemunho (Mensch, 1992), de sua memória.

Aplicando esse conceito ao universo da sinuca feminina, compreende-se que elementos como tacos, bolas, mesas, trajes, fotografias, troféus e até os espaços de jogo frequentados por mulheres constituem fatos museais na medida em que carregam consigo memórias, resistências e identidades.

Esses objetos não apenas testemunham a presença das mulheres nesse ambiente, mas também simbolizam suas lutas por reconhecimento e visibilidade. Musealizar tais elementos, conforme reflete Waldisa Rússio (2010) é, portanto, um ato político de preservação e valorização dessas narrativas.

Uma vez que:

O que caracteriza um museu é a intenção com que foi criado, e o reconhecimento público (o mais amplo possível) de que é efetivamente um museu, isto é, uma autêntica instituição. O museu é o local do fato “museal”; mas para que esse fato se verifique com toda a sua força, é necessário “musealizar” os objetos (os objetos materiais tanto quanto os objetos-conceito). Podemos assim “musealizar” objetos que são vestígios, provas da existência do homem e seu ambiente, de seu meio natural ou modificado por ele próprio. (Guarnieril, 2010, p.124-125)

A ênfase na ideia de relação, conforme afirma Gomes (2015), sobre o pensamento de Waldisa Rússio entre o fato museal e a Museologia seria então;

O salto qualitativo do pensamento da pesquisadora em relação aos demais, já que ela opera uma inversão hierárquica de valorização concentrada no espaço e nos objetos, para um conjunto de comportamentos que atribui significado aos objetos, por meio da relação humana com eles, num certo espaço. (Gomes, 2015. p.25)

A musealização de acervos particulares tem se mostrado uma estratégia potente para reconhecer e preservar memórias que não encontram espaço nos circuitos institucionais tradicionais. Esses acervos, muitas vezes formados por objetos guardados por indivíduos, famílias ou comunidades, ganham valor museológico à medida que passam a ser percebidos como portadores de significados culturais e históricos.

Se o fato museal, conforme apontado por Waldisa Rússio (1981), ocorre quando um objeto, ao ser retirado de seu uso original, adquire novos sentidos na relação com o sujeito e o contexto social, nesse sentido, a musealização desses acervos particulares relacionados à sinuca feminina permite evidenciar trajetórias até então invisibilizadas, dando voz a mulheres que resistiram em um ambiente historicamente masculinizado. Ressaltando que:

A museologia social (...) está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros (Chagas; Gouveia, 2014, p.17)

Essa perspectiva dialoga com Mário Chagas (2003), ao defender que a Museologia deve estar comprometida com as “memórias subalternas”<sup>11</sup>, valorizando o discurso de grupos marginalizados, conforme também é refletido pela museóloga brasileira Marília Cury (2018, p. 26), ressaltando que a Museologia Social é uma “possibilidade de recorte da realidade que une desenvolvimento social, dinâmica cultural, políticas públicas, práxis cotidiana, desenvolvimento humano, processo educacional com patrimônio cultural, conhecimento e preservação”.

Hugues de Varine (2005) também contribui com essa reflexão ao propor uma Museologia Social e participativa, centrada na comunidade e em suas práticas culturais. Assim, ao reconhecer o valor museológico desses acervos particulares, a Museologia amplia seu campo de atuação, destacando que “nesse sentido, há um olhar museológico em todos os acervos particulares.” (Leão; Menezes, 2018, p. 16), legitimando memórias que, embora pessoais, compõem o tecido coletivo de uma história social.

Ao trazer essas histórias à tona, seja por meio de relatos orais, registros fotográficos, objetos pessoais ou narrativas comunitárias, estamos não apenas promovendo resgate da memória, mas também contestando as estruturas que as silenciam.

É nesse ponto que a reflexão museológica ganha força, musealizar a sinuca feminina significa reverter processos de esquecimento e afirmar que essas vivências merecem ser preservadas, narradas e reconhecidas como parte do patrimônio cultural.

## **2.2 Musealizando a Cultura Popular: Conceitos e Relevância**

Aloísio Magalhães (1985), ativista da cultura no Brasil reflete que, “uma cultura é avaliada no tempo e se insere no processo histórico, não só pela diversidade dos elementos que a constituem, ou pela qualidade de representações que dela emergem, mas sobretudo por sua continuidade”. Segundo o autor, é a persistência dessas expressões culturais no espaço tempo que garante sua relevância histórica, apontando

---

<sup>11</sup> Mario Chagas, aborda as memórias subalternas como aquelas que resistem à invisibilidade e ao silêncio impostos pelos discursos hegemônicos, especialmente no campo da memória pública e da Museologia.

para a necessidade de se reconhecer como legítimas também aquelas práticas culturais que, mesmo fora dos circuitos institucionalizados, permanecem vivas, reinventadas e praticadas pelas comunidades ao longo das gerações.

No contexto da cultura popular, como sendo uma manifestação cultural coletiva do cotidiano das pessoas, a sinuca feminina pode ser entendida como um espaço de produção de sentido, memória e pertencimento, onde saberes são transmitidos de maneira oral, gestual e experiencial, garantindo que práticas culturais não sejam julgadas apenas por sua estética ou formalidade institucional, mas por sua capacidade de produzir sentido, identidade e memória coletiva. Ao modo que:

A importância do social para a memória, o patrimônio e a museologia é o que faz com que esses campos sejam dinâmicos e vivos. Nesse contexto, o patrimônio cultural, em articulação com as premissas da museologia social, aproxima-se da perspectiva de memória viva e dinâmica, posto que, ao criar vínculos e elos com a história, supera o fenômeno de “memória esfacelada” e, assim, contribui para a constituição de elementos identitários. Nesse sentido, é importante sublinhar que a memória funciona como um importante mecanismo de resistência. (Cordeiro, 2022, p.3).

Neste sentido, a sinuca enquanto prática enraizada em espaços populares como bares, clubes de bairro e associações locais constitui um exemplo de cultura popular, conforme refletido por Thiago Mendes Cardoso (2013), formado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, na qual realizou seu trabalho de conclusão de curso sobre as potencialidades pedagógicas do Bilhar, reflete que;

Esta grande amplitude da prática do bilhar em sua versão popular, que é o modelo informal, é responsável por transformar este esporte em um dos mais praticados do Brasil. Mesmo sem que haja uma pesquisa aprofundada sobre o número de adeptos, é facilmente possível encontrar pessoas praticando, já que é muito acessível para diferentes perfis da população, em todas as regiões do Brasil e em todas as classes sociais. (Cardoso, 2013, p. 20).

Quando se observa a presença feminina nesses ambientes, mais do que uma simples participação, evidencia-se uma resistência cotidiana que desafia normas de gênero, preconceitos sociais e estruturas patriarcais, “como consequência, ao analisar o modo como o jogo é representado pode-se refletir como as pessoas enxergam o esporte e seus jogadores” (Cardoso, 2013). As mulheres que ocupam esses espaços produzem e mantêm uma prática cultural viva, cujos saberes, códigos e experiências são repassados informalmente e se consolidam no tempo.

Conforme reflete Simone Flores (2018):

Os Pontos de Memória, do programa Cultura Viva em parceria com a Política Nacional de Museus, com o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) e com a Organização dos Estados Ibero-americanos buscam atender diferentes grupos sociais no sentido de possibilitar que tenham espaços para narrar e representar suas histórias, memórias e patrimônios. Os objetivos do Programa vão além de fortalecer as tradições locais e os laços de pertencimento buscando impulsionar o turismo e a economia local e contribuindo na redução da pobreza e da violência (Flores, 2016, p. 41).

A reflexão de Simone Flores amplia o debate trazendo o papel das políticas públicas de memória e cultura, em especial os Pontos de Memória, como ferramentas de reconhecimento e valorização de histórias invisibilizadas. Esses pontos não apenas reconhecem a diversidade cultural brasileira, mas também afirmam a legitimidade das culturas populares locais como parte integrante do patrimônio cultural nacional.

No caso da sinuca feminina, é pensar que a vivência dessas mulheres nos salões e bares, também constitui um acervo de memórias sociais.

Importa para a museologia social que seu patrimônio não se restrinja aos acervos e coleções, mas que inclua também o território, a sociedade, as memórias, as vivências, os saberes e fazeres. (Cordeiro, 2022. p.8).

Elas não apenas praticam um esporte e jogam sinuca, mas constroem redes de afetos, trocas de saberes e formas de resistência. Além disso, ao transformar a sinuca feminina em objeto de reflexão museológica, amplia-se o conceito tradicional de museu e de patrimônio. Isso implica romper com a ideia de que apenas bens materiais ou instituições formais são dignos de preservação, abrindo espaço para o reconhecimento de patrimônios vivos, periféricos e femininos.

Musealizar esses espaços e suas narrativas é, portanto, uma forma de agir sobre a própria estrutura social, permitindo que outras memórias sejam vistas como legítimas e capazes de gerar empoderamento, inclusão e valorização da cultura popular.

### **CAPÍTULO 3. GUARDIÃS DA MEMÓRIA: A Musealização dos Espaços e Narrativas Femininas na Sinuca**

Ao refletir sobre esse capítulo, torna-se possível resgatar esse protagonismo, a fim de compreender como as práticas culturais, antes marginalizadas e invisibilizadas, podem ser ressignificadas e inseridas em novos contextos sociais. A Museologia, ao propor a ampliação de seus campos de representação, abre espaço para que essas trajetórias sejam reconhecidas não apenas como expressões esportivas, mas também como manifestações de identidade e pertencimento.

#### **3.1 Resgatando Protagonistas: Quem são elas?**

Ao longo da história da sinuca, muitas mulheres contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento e valorização do esporte, mas tiveram suas trajetórias pouco reconhecidas ou registradas. Em um ambiente tradicionalmente dominado por homens, essas jogadoras enfrentaram diversos desafios para conquistar espaço e visibilidade. Por meio de talento, persistência e dedicação, marcaram seus nomes na história da sinuca, em especial as duas principais jogadoras brasileiras do segmento, Silvia Taioli e Carmelita Yumito.

Como pioneiras da sinuca esportiva brasileira, as duas atletas abriram portas e reconhecimento à Sinuca Feminina no Brasil, dando início a uma nova modalidade dentro das competições, mesmo em um contexto marcado pela ausência de outras mulheres e pela necessidade de competir com homens para garantir visibilidade, elas demonstraram que persistir, apesar das barreiras, era um ato de resistência e de construção simbólica. Essas trajetórias não representam apenas conquistas individuais, mas a formação de uma memória coletiva que busca afirmar o lugar dessas mulheres.

Essa ausência de registros e reconhecimentos não é apenas um reflexo do universo esportivo, mas também do modo como a memória social é construída, “todo e qualquer grupo humano exerce algum tipo de atividade de colecionamento de objetos materiais, cujo efeito é demarcar domínio subjetivo em oposição ao outro” (Abreu, 2003), o que evidencia a disputa de poder em torno do que é lembrado e do que é esquecido.

Nesse sentido, as narrativas sobre a sinuca feminina acabam atravessadas por escolhas seletivas de memória, que podem silenciar ou valorizar determinados acontecimentos, espaços e protagonistas. Uma vez que:

De modo consciente ou inconsciente, a memória é seletiva. Sabendo disso, pode servir como mecanismo para reafirmar narrativas a favor do Estado e do capital, mas, ao mesmo tempo, também funciona como importante estratégia de empoderamento a favor da sociedade, das lutas, mobilizações e da transformação social. (Cordeiro, 2022, p3.)

É como se a memória fosse transformada em uma mesa de jogo, nela, cada narrativa disputada é uma bola em movimento, que pode ser empurrada para o centro da cena ou desviada para os cantos. As trajetórias dessas mulheres revelam uma partida silenciosa, em que registrar, preservar e narrar é tão decisivo quanto acertar a tacada perfeita, pois é nesse gesto que se define quem permanece em jogo e quem é deixado de lado na história.

E por aqui, ao menos neste trabalho de conclusão de curso, foi decidido que elas permanecerão sim no jogo, bem no centro das tacadas, saindo com facilidade da sinuca de bico<sup>12</sup> em que foram submetidas a caírem, e por competência, talento e determinação continuaram em frente, para que hoje pudessem ser referência na Sinuca Feminina no Brasil e no mundo.

### **3.1.1 Silvia Taioli**

Tetracampeã da Sinuca Feminina no Brasil, cuja trajetória evidencia não apenas excelência técnica, mas também resistência e protagonismo feminino em um ambiente historicamente marcado pelo preconceito. Engenheira química de formação, como informa nas entrevistas dadas em programas que já participou, iniciou sua relação com a sinuca ainda na infância, influenciada por seu pai. Na juventude, sua dedicação ao jogo supera expectativas sociais de gênero, optando por frequentar salões de sinuca em diferentes cidades.

---

<sup>12</sup> Metáfora popular usada no jogo de sinuca para relacionar uma situação em que a bola se encontra em um ângulo ruim de ataque, dificultando a sua saída.

Seu ingresso no universo competitivo deu-se aos 23 anos, sob orientação do jogador conhecido como “Seu Fantasia”<sup>13</sup>, com quem treinou por cinco anos. A partir de 1998, sua participação em campeonatos estaduais e nacionais se consolidou, resultando na conquista de diversos títulos, entre os quais se destacam três campeonatos brasileiros e quatro campeonatos paulistas, referências que a consagram como uma das principais jogadoras da modalidade no país.

Silvia Taioli atua também como instrutora, árbitra, palestrante e criadora de conteúdo, reunindo mais 17 mil inscritos em seu canal no *Youtube* com foco em sinuca esportiva. Sua prática pedagógica inclui aulas presenciais, *workshops* e materiais digitais, ampliando o acesso à modalidade e contribuindo para sua valorização enquanto expressão esportiva e cultural. Contudo, sua trajetória também é marcada por enfrentamentos ao preconceito de gênero, relatando episódios de discriminação e invisibilização em sua carreira.

Em diferentes momentos, Silvia relatou episódios de descrédito por parte de colegas homens, comentários depreciativos sobre sua competência técnica e até dificuldades para ser aceita como árbitra e instrutora em torneios oficiais, situações que revelam como as relações de poder e as desigualdades de gênero ainda permeiam o universo da sinuca. Esses obstáculos, longe de desestimulá-la, reforçaram seu posicionamento crítico e sua atuação como voz ativa na defesa da equidade de gênero no esporte.

Silvia fez uma participação no Programa do Jô<sup>14</sup> em 10 de dezembro de 2009, na qual comenta, de forma descontraída, aspectos significativos de sua trajetória no universo da sinuca. A atleta relatou seu início no esporte ainda na juventude, impulsionada pela curiosidade e pelo contato precoce com o ambiente das mesas de bilhar. Ao longo da conversa, destacou conquistas relevantes em campeonatos, bem como sua consolidação enquanto árbitra de sinuca, função que, segundo ela, contribuiu para ampliar a participação feminina nesses espaços.

---

<sup>13</sup> Mentor de Silvia, que frequentava os mesmos salões de sinuca locais que ela, sendo apelidado assim de forma carinhosa pela atleta, uma figura que fez parte da trajetória inicial, onde aprendeu lições avançadas e tão valiosas para sua carreira profissional.

<sup>14</sup> Link de acesso à participação da Silvia Taioli no programa do Jô em 10 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1174654/>. Acesso em 24 de agosto de 2025.

Refletindo também sobre os desafios enfrentados em razão do preconceito, evidenciando a necessidade de resistência e persistência para alcançar reconhecimento e respeito nesse meio. Sua fala trouxe ainda um tom de leveza, ao compartilhar episódios curiosos e humorados relacionados ao cotidiano da sinuca.

Silvia costuma contar, rindo, que quando ganhava de homens nas mesas, muitos ficavam visivelmente desconcertados, e alguns tentavam “justificar” dizendo que “deixaram ela ganhar”, ela brinca com isso, transformando o episódio de machismo em um momento de humor e leveza, sem deixar de revelar a desigualdade simbólica ali presente.

Ela relata, com ironia, que já foi barrada ou olhada com desconfiança em salões de sinuca, “porque achavam que eu estava procurando meu namorado”. Sorrir ao dizer que “sabe muito bem manejar o taco”, uma frase que, com duplo sentido, provoca risos e ajuda a desconstruir o estereótipo sexualizado que muitas vezes cerca as mulheres na sinuca.

Essa leveza não esvazia o conteúdo político do discurso, ao contrário, funciona como estratégia de resistência, recurso que possibilitou aproximar o público da temática e conferir maior visibilidade à presença das mulheres nesse esporte. Ao comentar os obstáculos enfrentados, a atleta ressalta a necessidade de persistência e resistência para conquistar legitimidade. Esse relato, ao ser transmitido em rede nacional, extrapola a dimensão individual e passa a compor um registro público que reforça a importância da memória dessas trajetórias femininas.

Além do Programa do Jô transmitido em 2009, Silvia também concedeu uma entrevista ao canal no *Youtube* Confraria Literária<sup>15</sup>, em 15 de julho de 2024, no episódio intitulado “Silvia Taioli e As Justiceiras”. Neste episódio, ela compartilha sua trajetória como mulher que se destaca em um ambiente predominantemente masculino.

A conversa foi inspirada no romance “É Assim Que Acaba”, da escritora Colleen Hoover (2018), e aborda temas como superação, empoderamento feminino e a importância da representatividade. A entrevista destaca a importância de mulheres como Silvia Taioli, que, por meio de sua atuação e visibilidade, contribuem para uma

---

<sup>15</sup> Link de acesso à participação da Silvia Taioli ao canal Confraria Literária. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GCAZgG\\_4HLY&list=PLQx5ZiAmNqGrk\\_KpFniiYJdd0AZgNvDBg](https://www.youtube.com/watch?v=GCAZgG_4HLY&list=PLQx5ZiAmNqGrk_KpFniiYJdd0AZgNvDBg). Acesso em 24 de agosto de 2025.

memória social abrindo espaço para outras mulheres em áreas historicamente dominadas por homens.

Tendo também uma participação no programa “Hoje em Dia”<sup>16</sup> da Rede Record de televisão, em 2012, onde deu aula de sinuca para os apresentadores e telespectadores. Participando também do programa “É de Casa”<sup>17</sup>, da Rede Globo, mostrando suas técnicas e falando um pouco sobre a participação feminina na sinuca.

As entrevistas e participações de Silvia nestes programas populares, além de sua função midiática, podem também ser compreendidas como um registro de memória que dialoga diretamente com o campo museológico. Suas experiências, desafios e conquistas contribuíram para a construção de um acervo simbólico coletivo sobre a presença das mulheres na sinuca.

Nesse sentido, sua fala se aproxima da noção de fato museal, refletido no capítulo dois, onde a experiência pessoal, quando comunicada em espaço público e amplamente acessível, transforma-se em elemento de representação cultural.

Assim, a divulgação das entrevistas em televisão e plataformas digitais atua como documento que potencializa a musealização da memória feminina na sinuca, garantindo continuidade histórica e visibilidade a um segmento por vezes marginalizado culturalmente pela sociedade.

---

<sup>16</sup> Participação de Silvia Taioli no programa Hoje Em Dia.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9v7SP5bGH6I>. Acesso em 24 de agosto de 2025.

<sup>17</sup> Participação de Silvia Taioli no programa É de Casa.. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10617433/>. Acesso em 24 de agosto de 2025.



**Figura 15:** Silvia Taioli. (Foto por: Ana Carolina Negri). Fonte: <https://www.folhadelondrina.com.br/opiniaio/mesa-de-sinuca-e-coisa-de-mulher-445864.html?d=1>. Acesso em 18 de maio de 2025.

### 3.1.2 Carmelita Yumito

Apelidada como Luva de Minnie, nascida em 15 de setembro de 1970, no estado do Ceará, é uma das principais figuras da história da Sinuca Brasileira, por sua trajetória marcada por conquistas expressivas e pela atuação ativa no fortalecimento da participação feminina na modalidade.

Migrando para o estado de São Paulo em 1985, estabeleceu-se na cidade de Guarulhos, onde teve seu primeiro contato com a sinuca ao trabalhar como garçoneiro em um salão de jogos, evidenciando a sua relação com o esporte emergindo de seus contextos cotidianos e de trabalho.

Ao observar os frequentadores e escutar atentamente às regras e estratégias do jogo, permitiram que Carmelita desenvolvesse, de forma autodidata, habilidades técnicas que viriam a ser fundamentais para sua carreira. Essa experiência ilustra como os espaços de trabalho podem influenciar na aprendizagem e construção de competências, permitindo que mulheres conquistem protagonismo em ambientes tradicionalmente masculinizados pela sociedade.

A memória de Carmelita, formada a partir de observação, dedicação e superação, compõe, assim, um capítulo essencial da memória social da Sinuca

Feminina no Brasil. Em 1989, filiou-se à Federação Paulista de Sinuca, participando no mesmo ano do Primeiro Campeonato Paulista Feminino, no qual consagrou-se campeã.

A partir de então, construiu uma carreira vitoriosa, que inclui os títulos de Penta Campeã Brasileira, nos anos de 2001, 2004, 2009, 2010 e 2012, também Campeã Paulista e diversas outras conquistas em copas nacionais e internacionais, como a *Copa Volkswagen* e o *Verão Miami Snooker*, no qual foi a única mulher entre 32 competidores. E também nas eliminatórias da LBS, sigla para (Ligas Brasileira de Sinuca), que ocorreu em 25 de julho de 2023, sendo a única mulher competindo, entre 90 atletas homens.

Carmelita Yumito atua também como instrutora, árbitra oficial do canal Mundo da Sinuca e organizadora de campeonatos. Atualmente, ocupa o cargo de Diretora do Departamento Feminino da Federação Paulista de Sinuca e Bilhar, sendo uma das principais articuladoras de ações voltadas à inserção e valorização das mulheres na sinuca competitiva.

A mesma participou este ano da Primeira Copa da Liga Feminina de Sinuca, uma competição que ocorreu em julho de 2025 em Curitiba, Paraná. Sendo considerado o maior evento no Brasil na modalidade Bola 8 de Sinuca Feminina, que reuniu 32 atletas, tendo como campeã a atleta Mih Rocha.



**Figura 16:** Carmelita Yumito, apelidada como Luva de Minnie. Fonte: <https://carmelitayumito.com.br/>. Acesso em 18 de maio de 2025.



**Figura 17:** Troféu da Primeira Copa Feminina de Sinuca na modalidade bola 8, que ocorreu em 19 de julho de 2025. Fonte: <https://www.instagram.com/p/DMVI4C7R4ot/>. Acesso em 10 de agosto de 2025.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de todas essas mulheres, dentre tantas outras existentes, representa assim, um importante objeto de estudo para a compreensão das dinâmicas de gênero no esporte brasileiro, contribuindo para debates sobre memória social, visibilidade feminina e processos de musealização de práticas culturais como a sinuca.

Ao considerar a criação de espaços culturais que passem a representar toda essa gama de diversidade e igualdade em volta do jogo de sinuca, podemos pensar no desenvolvimento de exposições críticas e reflexivas sobre o assunto, oferecendo narrativas diversas, ao modo que, “a museologia social tem ideias e ideais e, por isso, não tem uma definição única e fechada. Defini-la seria limitá-la” (Cordeiro, 2022.), e ao trazer essas mulheres como protagonistas ativas, para esse campo da Museologia social, estamos reafirmando o direito de cada uma a serem lembradas e não limitá-las a um futuro de esquecimento.

E para adentrar nesse começo de uma nova era, as memórias sociais, juntamente com os saberes e fazeres dessas jogadoras, seria o início da busca por seu pertencimento, enquanto um objeto a ser musealizado. Deste modo, foi através do primeiro capítulo que pude, de fato, entrar no contexto histórico da sinuca, intitulado como “A Entrada No Jogo”, foram apresentados fatos datados que pudessem demonstrar a participação feminina na sinuca desde o seu surgimento, abrindo dessa forma o caminho para iniciar com a ideia do capítulo seguinte.

Neste segundo capítulo a ideia central foi a de trazer uma abordagem reflexiva e crítica, através de um referencial teórico, que ajudasse a justificar o porquê da escolha desse tema, sua hipótese e problema. Buscando através da Museologia social mais uma linha de construção do conhecimento sobre memória social por meio de experiências e saberes de realidades locais e de fácil acesso, como é o caso da sinuca, com o objetivo de melhorar, através de uma reflexão contínua, o modo como as mulheres na sinuca devem ser vistas enquanto um forte agente ativo da cultura popular e de gênero, e não como receptoras passivas que passaram despercebidas perante uma sociedade marcada historicamente pelo preconceito e tantas ideologias.

Como guardiãs de uma memória, conforme registrado no capítulo final, trazendo como foco o protagonismo exclusivo delas, ao apresentá-las estaria também resgatando essas memórias que durante décadas foram vistas como algo trivial, sem características e ditas incomum, mas que estariam carregadas como sinônimo de vivência e identidade. Este capítulo, portanto, buscou evidenciar os modos pelos quais as vivências das mulheres nesses espaços podem ser transformadas em narrativas museológicas, revelando memórias, objetos, lugares e relações sociais que compõem um patrimônio cultural ainda pouco explorado e legitimado, dentro e fora da academia.

A análise das experiências e narrativas femininas permitiu identificar a potência simbólica e cultural dessas vivências, que, quando salvaguardadas, contribuem para um novo olhar sobre a cultura popular e sua memória coletiva. A Museologia se apresenta como uma ferramenta de transformação e reconhecimento, capaz de acolher essas histórias e traduzir seus significados em práticas de preservação e divulgação. Valorizar a memória dessas jogadoras é, portanto, um ato de justiça social e cultural, que amplia as fronteiras do que se entende por acervo, memória e musealização.

Dessa forma, este trabalho não apenas evidencia a invisibilidade histórica das mulheres na sinuca, mas também propõe caminhos para ressignificar seus espaços e práticas, reconhecendo-as como protagonistas de uma narrativa coletiva. Ao trazer à tona suas histórias, suas lutas e conquistas, reafirma-se o papel da Museologia como mediadora entre memória e sociedade, um campo que não se limita às instituições, mas se estende à vida cotidiana, aos territórios e às identidades que se constroem e se afirmam por meio da memória.

Assim, durante toda a pesquisa, se foi pensada em possibilidades que pudessem dar visibilidade às mulheres no campo da sinuca por meio da Museologia. Foram exemplificadas durante todo o desenvolvimento metodológico, mecanismos que ajudariam nessa criação, por meio de relatos, fatos teóricos, apresentações, imagens e reflexões. Contudo, mais do que propor caminhos, o que se buscou foi abrir horizontes para que novas narrativas possam emergir, reconhecendo a sinuca feminina como um espaço legítimo de memória, cultura e resistência. O tema Mulheres na Sinuca e a Musealização de seus Espaços, tem o intuito de apresentar de uma outra forma, fugindo do modo tradicional, a importância da memória social para a sociedade, uma

ferramenta viva e transformadora, capaz de dar voz e visibilidade àquelas que, por tanto tempo, permaneceram às margens da história.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

ANJOS, Luiza A.; GOELLNER, Silvana V. **Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais**. In: GOMES, P. D.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (org.). Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2017, pp. 51-72.

A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: **textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.123-126.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRUNO, Cristina. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. Cadernos de Sociomuseologia, n. 9, 1996, p. 9-33.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e comunicação. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: alguns subsídios e antecedentes. **Hawò**, v. 2, 2021.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. **Museologia e patrimônio**, v. 11, n. 2, p. 189-210, 2018.

BUENO, Noemi Correa; CAFEO, Marta Regina Garcia & MARQUES, José Carlos. Invisíveis, mesmo quando vencedoras: as razões pelas quais o esporte não reconhece as mulheres atletas tal qual ocorre com os homens. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Unesp, Bauru, SP, 2016. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0715-1.pdf>. Acesso em: 10 de mar. 2024.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: **feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil**. Folha de São Paulo, v. 19, n. 11, 2017.

CARDOSO, Thiago Mendes. **Os Potenciais Pedagógicos do Bilhar**. [sn], 2013.

CHAGAS, Mário. **Memória e Poder: dois movimentos**. Cadernos de Sociomuseologia, Museu e políticas de memória. Lisboa: ULHT, 2002, n.19.

CHAGAS, Mário de Souza. **Por uma política da memória**. In: CHAGAS, Mário (org.). *Museu, Memória e Cidadania: da tradição à inovação*. Rio de Janeiro: MinC/Ibram, 2003.

CHAGAS, Mário & GOUVEIA Inês. (Organizadores). (2014). **Dossiê Museologia Social**. Cadernos do CEOM. v. 27, n. 41, 2014. CHAGAS, M.; GOUVEIA, I. **“Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)”**. Cadernos do CEOM, ano 27, n. 41, p. 9-22, 2014.

CORDEIRO, Tatiane Oliveira de Assumpção. *Memória, Patrimônio e Museologia*. **Revista Espacialidades [online]**, v. 18, n. 2, p. 1984-817X, 2022.

CURY, M. X. (2018). **Museologia-marcos referenciais**. Cadernos CEOM. *Museus: pesquisa, acervo, comunicação*. 18 (21). Santa Catarina

DA SILVA, Anna Paula; SANTOS, Lucas Eduardo Oliveira. *A documentação como parte do processo de musealização de obras de arte contemporânea*. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 13, n. 25, p. 185-196, 2024.

DE ALMEIDA, Doutor João Paulo Cabral. **MUSEALIZAÇÃO DE MEMÓRIAS POLITICAMENTE SENSÍVEIS**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra.

DE OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos; QUEIROZ, Marijara Souza. **Museologia–substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil**. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC*, v. 5, p. 61-77, 2017.

DOS SANTOS, Wagner José. **Explorando o Biliar Elíptico com ferramentas computacionais: Uma proposta de ensino**. 2013. [http://www.dm.ufrpe.br/sites/www.dm.ufrpe.br/files/tcc\\_wagner\\_jose\\_dos\\_santos.pdf](http://www.dm.ufrpe.br/sites/www.dm.ufrpe.br/files/tcc_wagner_jose_dos_santos.pdf) Acesso em 10 de mai.2025.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **A pesquisa em museologia ou... Por uma pesquisa adjetivada**. IN:ARAÚJO, Bruno Melo de. [et al]. (org). *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e patrimônios*. Recife: Ed. UFPE, 2019.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

DE SANTANA, Sérgio et al. **Memórias e identidades agonísticas: o corpo LGBTQIA+ como signo no processo de Musealização e Musealidade**. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 58, p. 1-34, 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte**. *Revista do centro de pesquisa e formação*, n. 13, p. 99-112, 2021.

FLORES, S. (2016). Política pública para museus no Brasil: **o lugar do sistema brasileiro de museus na Política Nacional de Museus**. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Departamento de Museologia Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa.

GOELLNER, Silvana. Mulher e Esporte no Brasil: **Fragmento de uma História Generificada**. In: SIMÕES, A.C.; KNIJIK, Jorge D. O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 359-374.

GOMES, Carla Renata. **O pensamento de Waldisa Russio sobre a museologia**. Informação & Sociedade, v. 25, n. 3, 2015.

HB Home. **“A história completa do Bilhar e da Sinuca”**. hb home furnishings, 09 de março de 2021. <https://www.hbhomefurnishings.com/post/history-of-billiards> . Acesso em 06 de set. de 2024

RUBIO, KATIA. Mulheres olímpicas brasileiras: entre ser e estar atleta. **Mulheres e esporte no Brasil**, p. 15, 2021. [https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/349849525\\_Mulheres\\_e\\_esporte\\_no\\_Brasil\\_muitos\\_papeis\\_uma\\_unica\\_luta/links/6043c56f92851c077f210c33/Mulheres-e-esporte-no-Brasil-muitos-papeis-uma-unica-luta.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/349849525_Mulheres_e_esporte_no_Brasil_muitos_papeis_uma_unica_luta/links/6043c56f92851c077f210c33/Mulheres-e-esporte-no-Brasil-muitos-papeis-uma-unica-luta.pdf) . Acesso em 23 mai de 2025

LEÃO, Andrey; NETO, Hugo MENEZES. **MUSEOLOGIA E ACERVOS PARTICULARES: O CASO DAS FAMÍLIAS DA CHACINA DE BELÉM**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, v. 4, p. 193-212, 2018.

LE GOFF, Jacques. 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo?: **a questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.17.

MENSCH, P. Van (1992). **Towards a methodology of museology**. ms. doctoral dissertation, Zagreb.

MOUTINHO, Mário. **Sobre o Conceito de Museologia Social**. In: Cadernos de Sociomuseologia n. 1, 1993. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acesso em 01 de out. de 2024.

PAPALI, Chiara. **“Mesa de Sinuca é coisa de mulher”**. Folha de Londrina, 10 de maio de 2003. <https://www.folhadelondrina.com.br/opiniaio/mesa-de-sinuca-e-coisa-de-mulher-445864.html?d=1> . Acesso em 27 de set. de 2024

REIS, Mário. **”Evolução da Sinuca: entenda como o lazer se tornou um esporte profissional.”** Esporte Press Brasil, 30 de agosto de 2023. <https://www.esportepressbrasil.com.br/noticia/1920/evolucao-da-sinuca-entenda-como-o-lazer-se-tornou-um-esporte-profissional/>. Acesso em 05 de set. de 2024.

REIS, Daniele Fernandes. Butler: **Política, Performatividade e Desconstrução de Gênero.** Dissertação Mestrado em Filosofia. Universidade São Judas Tadeu ,São Paulo, 2014.

RÚSSIO, Waldisa. **O fenômeno museal.** In: Cadernos de Sociomuseologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n. 38, 2010.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física.** 1990. 407f. Tese (Doutorado em Ciências). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

RUBIO, K. e VELOSO, R.C. 2019. **As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica.** *Revista USP.* 122 (set. 2019), 49-62.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Políticas da Memória na criação dos museus brasileiros.** *Cadernos de Sociomuseologia*, Museu e políticas de memória. Lisboa: ULHT, 2002, n.19.

SCHEINER, Tereza. **Museologia ou patrimoniologia?** reflexões. In: GRANATO, Marcus, SANTOS, Claudia Penha; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. (org.) *Museu e Museologia: interfaces e perspectivas.* Rio de Janeiro: MAST, v. 11, p. 43-59, 2009. [https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast\\_colloquia\\_11.pdf](https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf). Acesso em 21 de set. de 2024.)

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação e Realidade.* Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez., p. 71-99, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **”A produção social da identidade e da diferença”.** In (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis: Vozes, 2009. pp. 73-102.

VARINE, Hugues de. **O desenvolvimento do território e o papel da mediação cultural.** In: DESVALUAL, Dominique (org.). *Mediação cultural: a construção do comum.* São Paulo: SESC-SP, 2005.

## APÊNDICES



**Figura 18:** Foto minha tirada no bar do meu avô em Nova Franca, Bahia. Arquivo Pessoal, maio de 2003.



**Figura 19:** Foto do meu irmão caçula, em maio de 2003, tirada no bar do meu avô em Nova Franca, Bahia. Arquivo Pessoal.

## ANEXOS

### Anexo 1 - Principais atletas da Sinuca Feminina

Além dessas duas grandes mulheres antes citadas, temos também:

#### Vera Selby (Inglaterra)

Vera Selby, nascida em 1930, foi uma das pioneiras da sinuca feminina ao redor do mundo, conquistando o título de Campeã Mundial em 1976 e 1981. Como a primeira mulher a comentar partidas na BBC (British Broadcasting Corporation), tendo um papel central na ampliação da visibilidade das mulheres no meio esportivo. Além da carreira esportiva, foi professora de artes na Universidade de Northumbria, localizada na Inglaterra, que a homenageou lindamente com uma exposição em 2024, um ano após sua morte, que ocorreu em 13 de março de 2023. Seu legado inspira debates sobre gênero, memória e reconhecimento no universo da sinuca feminina ao redor do mundo.



**Figura 20:** Vera Selby, imagem utilizada na exposição realizada pela Universidade de Northumbria.

Fonte:

<https://newsroom.northumbria.ac.uk/pressreleases/new-exhibition-honours-the-life-of-a-north-east-icon-3317500>. Acesso em 18 de maio de 2025

### **Frances Anderson (Estados Unidos)**

Frances Anderson, nasceu em 1871, foi uma jogadora profissional de sinuca, cuja trajetória desafiou normas de gênero no final do século XIX. Reconhecida como a primeira Campeã Mundial de Bilhar Feminina em 1890, construiu uma carreira respeitável ao longo de cerca de 40 anos, participando de torneios e exibições nos Estados Unidos. Mas, sua história só ganhou visibilidade apenas após sua morte, em 1928, quando a imprensa revelou que Frances era uma mulher transexual, expondo os preconceitos escancarados da época. Sua trajetória é marco de resistência e de problematização das normas de gênero no esporte, que segue ainda sendo um tema de debate e críticas até hoje.



**Figura 21:** Frances Anderson (1871 - 1928).

Fonte: <https://zagria.blogspot.com/2007/03/is-frances-anderson-real-person.html>.  
Acesso em 19 de maio de 2025.



**Figura 22:** Lawrence Journal World, Kansas, 30 de março de 1928. Manchete que expôs o preconceito sofrido por Frances Anderson, após sua morte. Fonte: <https://news.google.com/newspapers?nid=2199&dat=19280330&id=09JFAAAAIBA&sjid=L0MAAAAIBA&pg=2825,2236893>. Acesso em 19 de maio de 2025.

### Gabriela Guimarães dos Santos (Brasil)

Com apenas 16 anos, Gabriela Guimarães dos Santos tornou-se a primeira mulher a competir pelo clube Mampituba, em Criciúma (SC). Tem se destacado em diversos torneios regionais e estaduais, representando uma nova geração promissora da Sinuca Feminina Brasileira. Sua presença desafia barreiras históricas e reforça a importância da inserção de jovens atletas no cenário competitivo feminino.



**Figura 23:** Gabriela Guimarães dos Santos: Fonte: <https://portallitoralsul.com.br/apaixonada-por-sinuca-adolescente-inicia-treinos-em-clube-criciumense>. Acesso em 29 de maio de 2025.

### Joyce Brito (Brasil)

Joyce Brito é campeã da Primeira Copa Brasil Feminina de Sinuca Six Red e campeã paranaense da modalidade. Com uma carreira em ascensão, tem conquistado visibilidade nacional e se consolidando como referência no circuito esportivo. Sua atuação contribui para fortalecer o espaço das mulheres na sinuca de alto nível no Brasil.



**Figura 24:** Joyce Brito, como Campeã da 1ª Copa Brasil Feminina de Sinuca Six Red. Fonte: [https://www.instagram.com/p/Ccv2lpiFV\\_W/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Ccv2lpiFV_W/?img_index=1). Acesso em 29 de maio de 2025.